

Apresentação de um Projeto de Pesquisa: vestígios da educação matemática na região de Itaipulândia (PR) no período de 1961 ao final da década de 1980

Jean Sebastian Toillier¹

Ivete Maria Baraldi²

RESUMO

Esse trabalho é a ideia central do projeto de pesquisa que será desenvolvido com professores de matemática que atuaram na região do atual município de Itaipulândia de 1961 até os anos finais da década de 1980. Seu principal objetivo é analisar a formação deles, além da forma como era o ensino de matemática naquela época e região. A região em questão passou por grandes modificações com a formação do lago de Itaipu que inundou boa parte dos limites atuais do município. Para isso a forma escolhida para atribuir significados para essas mudanças é o uso da História Oral como metodologia de pesquisa, pois por meio de entrevistas com os professores que fizeram parte do ensino de Matemática nesse período, estarão sendo levantadas as questões relevantes em relação à sua formação e ao ensino. Pretende-se contribuir, adicionando uma versão – uma apropriação – sobre o ensino de Matemática no Brasil no período abordado.

Palavras-chave: Formação de professores, História Oral, História da Educação Matemática.

1. Introdução

Nos últimos anos, vários trabalhos foram realizados pelo Grupo de História Oral e Educação Matemática – GHOEM referente à formação de professores de Matemática de distintas regiões do país. Dessa forma, esse projeto visa mostrar como se deu a formação desses professores na região do atual município de Itaipulândia, uma região pouco estudada até o momento, principalmente em relação a trabalhos feitos em Educação Matemática.

Esta região é de colonização recente e de história diferenciada, pois se trata de um local onde a formação do lago de Itaipu mudou totalmente a paisagem, fazendo desaparecer o distrito de Itacorá. Sendo assim, esse trabalho objetiva verificar aspectos referentes à formação dos professores de Matemática que lecionaram em períodos

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação em Educação Matemática – PPGEM – UNESP – Rio Claro. Email: jeant3000@yahoo.com.br

² Professora do Departamento de Matemática – Faculdade de Ciências – UNESP – Bauru; Docente da PPGEM – UNESP – Rio Claro. E-mail: ivete.baraldi@fc.unesp.br

anteriores e posteriores a inundação das terras, nos ensinos fundamental e médio.

O GHOEM tem como objetivo atribuir significados referentes ao ensino de Matemática de várias regiões do país, utilizando como metodologia de pesquisa a história oral, pois acredita-se que

[...] a oralidade permite ressaltar, tornando mais dinâmicos e vivos, elementos que seriam inacessíveis; a evidência oral permite compreender, corrigir ou complementar outras formas de registro (quando existem); e a evidência oral traz consigo a possibilidade de transformar 'objetos' de estudos em 'sujeitos', ao evitar que, como na 'historiografia clássica', os atores da História sejam compreendidos à distância e (re)elaborados em uma 'forma erudita de ficção' (GARNICA, 2007, p.29).

Essa metodologia será utilizada para a análise e compreensão do ensino em uma região onde não houve levantamento de dados relativos à Educação Matemática e se tornará um relato que possibilitará ou abrirá caminhos para uma compreensão da constituição histórica do ensino de Matemática em mais uma região brasileira. Dessa forma, espera-se com a colaboração dos professores de Matemática construir uma versão de como se deu o ensino dessa região.

2. Objetivos

O ensino de Matemática passou por várias modificações ao longo dos anos e os professores sempre estiveram presentes nessas mudanças, como vários trabalhos em Educação Matemática já apontaram com bastante propriedade.

A região Oeste do Paraná, principalmente, o atual município de Itaipulândia também sofreu várias modificações com a formação do lago de Itaipu. Mas como era a formação dos professores de Matemática que trabalhavam no que seria atualmente os anos finais do Ensino Fundamental e Médio desde 1961, até o final da década de 1980? De que maneira era o ensino dessa disciplina nesses níveis de ensino? Dessa forma, é de interesse atribuir significados, no sentido de apropriação, de construir uma versão, de como era a formação e a prática dos professores de Matemática nos antigos distritos de Itacorá e Aparecidinha do Oeste, usando como metodologia de pesquisa a história oral. Assim, o trabalho tem os seguintes objetivos:

- Conhecer qual era formação dos professores de Matemática que trabalharam nos distritos de Itacorá e Aparecidinha do Oeste com turmas de Ensino Fundamental e Médio, de forma a atribuir significados ao ensino dessa disciplina;

- Construir uma versão histórica de como era o ensino de Matemática nos antigos distritos de Itacorá e Aparecidinha do Oeste, atual município de Itaipulândia, a partir de 1961 até o final da década de 1980, região pouco estudada que possui poucos registros históricos e, no caso específico da Educação Matemática, trabalho algum foi registrado. Dessa maneira, essa construção será fundamental para seja possível escrever uma História da Educação Matemática brasileira a partir de várias perspectivas, e não apenas da perspectiva dos centros clássicos de formação;
- Usando a História Oral como metodologia de pesquisa, compreender por meio de entrevistas de professores de Matemática dos antigos distritos de Itacorá e Aparecidinha do Oeste, como era o ensino dessa disciplina, o que motivou a seguir nessa carreira, as metodologias usadas no ensino, as influências da formação do Lago de Itaipu e políticas no andamento de sua profissão;
- Contribuir, acrescentando uma versão – uma apropriação – sobre o ensino de Matemática no Brasil nesse período, com o que se tem atualmente chamado de História da Educação Matemática;

3. Um pouco de história: a constituição do atual município de Itaipulândia (PR)

O município de Itaipulândia se encontra no Paraná na região Oeste do Paraná fazendo fronteira com o Paraguai, conforme vemos na figura 1. A região em questão sofreu várias modificações na sua paisagem durante o começo dos anos de 1980 pela formação do lago de Itaipu, principalmente o atual município de Itaipulândia. Vejamos agora elas aconteceram.

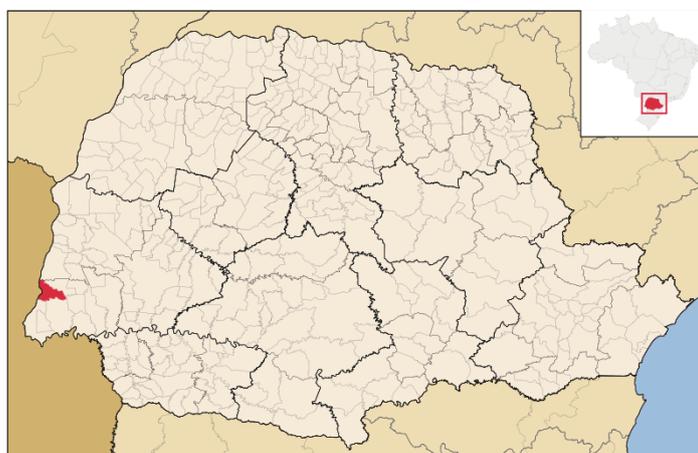


Figura 1: localização do Município de Itaipulândia.

O Oeste paranaense, por ser uma região afastada dos grandes centros, teve sua colonização feita a partir de 1910. Já o local onde se encontra atualmente Itaipulândia teve a sua ocupação populacional a partir de 1960. Nessa época a região pertencia ao município de São Miguel do Iguaçu. Os atuais limites do município de Itaipulândia abrangiam duas principais localidades: Itacorá e Aparecidinha do Oeste, banhadas pelas águas do rio Paraná. A sua colonização foi feita principalmente por colonos, imigrantes italianos e alemães, vindos do Rio Grande do Sul e por famílias vindas de Santa Catarina, atraídos pela fertilidade das terras conforme cita Scarpatto e Böhm (2006).

A vida escolar dessa região começou a partir de 1963, com a Escola São Luiz de Itacorá. As primeiras escolas eram construídas pelos próprios moradores e os professores tinham formação mínima:

Na época a escolaridade exigida para os professores era mínima, pois praticamente não existiam profissionais qualificados para atender a demanda escolar. O professor geralmente era indicado pelos próprios pais e ingressava na profissão, sem prévia preparação e avaliação de conhecimento. Muitas vezes o professor havia cursado apenas o primário (1ª a 4ª série) e assumia uma escola (SCARPATO, BÖHM, 2006, p. 97).

A partir de 1971, por existir uma grande demanda, tornou-se necessário a implantação de escolas que atendessem alunos de 5ª a 8ª série, sendo que o Colégio Franciscano Nossa Senhora de Fátima, de São Miguel do Iguaçu, foi o primeiro a se instalar em Itacorá.

A partir de 1976, conforme cita Scarpatto e Böhm (2006), a demanda de alunos teve uma redução gradativa, pois uma grande obra afetaria a vida de todos os moradores da região: a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu e como consequência a formação do Lago de Itaipu, em 1982. Com isso várias terras foram inundadas, inclusive o distrito de Itacorá. Muitos moradores migraram para outras regiões.

Com a formação do lago de Itaipu, o município de São Miguel do Iguaçu teve 21,49% de suas terras inundadas, conforme Scarpatto e Böhm (2006), e o distrito de Itacorá, que pertencia ao município foi totalmente inundado. Dessa forma, antes da inundação as vilas de Aparecidinha do Oeste e São José do Itavó foram elevadas à categoria de distrito. Em 19 de março de 1992, Aparecidinha do Oeste se emancipou de São Miguel do Iguaçu e se tornou o atual município de Itaipulândia, com suas terras abrangendo o distrito de São José do Itavó e também as terras alagadas do antigo distrito de Itacorá conforme vemos na Figura 2.

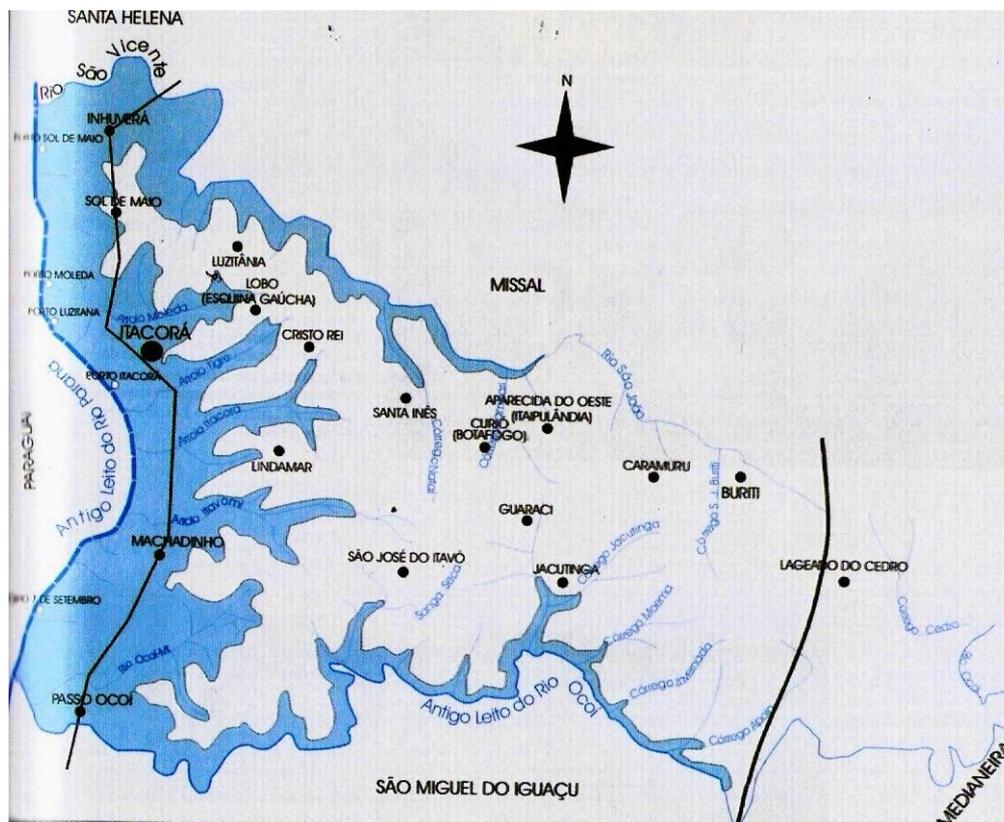


Figura 2: Mapa mostrando o território do município de Itaipulândia. Nele estão representadas todas as comunidades que formam o município, inclusive as comunidades inundadas com a formação do lago de Itaipu.

Com tantas mudanças, antes e depois a formação do lago de Itaipu, ocorrendo dentro de poucos anos, como será que o ensino de Matemática, no que consideramos atualmente os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, era feito? De que forma os professores de Matemática trabalhavam? E como eles eram formados? Para fazer uma pesquisa histórica, uma das possibilidades é verificar com os professores da época. Dessa forma, a metodologia que será utilizada para esse trabalho é a história oral, a qual será explicada a seguir.

4. O uso da história oral como metodologia de pesquisa

Para essa pesquisa, a história oral é uma metodologia que ajuda a qualificar esse levantamento de dados, pois

[...] a história oral é um método de pesquisa (história, antropológica, sociológica etc) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. [...] Trata-se de estudar acontecimentos

históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas, etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam (ALBERTI, 2005, p. 18).

A história oral também tem a qualidade de ordenar e estabelecer os procedimentos de trabalho, o que segundo Baraldi (2003) funciona como uma ligação entre a teoria e a prática, pois ajuda na seleção do tipo de entrevista, na sua transcrição e textualização mostrando as suas vantagens e desvantagens, porém não solucionando todas as questões levantadas.

Com o uso da história oral, poderá ser descrita a metodologia de ensino usada pelos professores, a sua formação, entre outros fatores, que contribuirão para a História da Educação Matemática. Neste sentido Baraldi nos diz que

Ao utilizarmos a História Oral para constituir um dos muitos cenários da História da Educação Matemática torna-se possível tecer as tramas que nos fornecerão uma referência histórica e cultural, que até então estava inscrita apenas nas memórias dos professores ou de pequenos grupos. A vida, as experiências, as lutas e as visões de mundo adquirem um novo estatuto ao serem socializadas, sendo transformadas em documentos que podem apresentar, de maneira contextualizada, uma outra – nova ou complementar – versão da história (BARALDI, 2003, p. 215).

Nos momentos que precedem a entrevista e quando ela é feita o entrevistador está tocando em uma parte muito importante em relação ao depoente: a sua memória. Nesse momento o entrevistado está consciente da importância para ele mesmo, pois “A constituição da memória é importante porque está atrelada à construção da identidade” (ALBERTI, 2004, p. 27). Assim, “[...] estudar a memória significa compreender o lugar onde o sujeito é produzido, já que lembrar é viver, construir e pensar o presente com elementos do passado” (SILVA, 2005, p. 249).

No momento que a entrevista é feita, não importando a situação, o dever do entrevistador é de interpretar criticamente as falas dos entrevistados, conforme afirma Portelli (PORTELLI, apud FERREIRA; AMADO, p. 106, 2002), tendo respeito a essa pessoa, pois várias situações que o entrevistado coloca podem ter mudado vários aspectos da vida dele, positivamente ou negativamente. Conforme Alberti (2007) é preciso saber “ouvir contar” e ficar atento a fatos relevantes que possam passar despercebidos. Além disso, o pesquisador deve estudar as versões que o entrevistado passa, tornando-as objetos de análise, envolvendo também em sua pesquisa fontes escritas que possam preencher lacunas dessas versões dadas.

O fato de trabalhar com entrevistas não exclui o uso de documentos escritos,

monumentos, fotografias e demais registros, mas, consideram-se as fontes orais como elementos essenciais para a recriação da história, a partir de uma visão particular de quem vivenciou certos momentos e contextos.

As entrevistas gerarão documentos. Porém, como cita Garnica (2005) eles não irão reconstruir ou construir a história, pois a História Oral não pode ser tomada como uma concepção de história: para desenvolvê-la é preciso defender uma concepção de História. Concepção esta que será delineada e explicitada ao longo da pesquisa.

O levantamento dos dados por meio de entrevistas possibilitará tecer evidências dos rumos e das práticas dos professores de Matemática do atual município de Itaipulândia, pois

[...] a História Oral na Educação Matemática tem criado fontes que diversas tramas qualitativas de pesquisa permitem explorar e, por esse motivo, a concebemos como uma metodologia de pesquisa que envolve a criação de fontes a partir da oralidade e se compromete com análises compatíveis com uma determinada concepção e fundamentação teórica (GARNICA, SILVA, FERNANDES, 2010, p. 9).

Essa criação de fontes é algo que está sendo retratado em várias pesquisas feitas por membros do GH OEM que usam essa metodologia de pesquisa para a confecção de seu trabalho, buscando por meio das narrativas de experiências de professores ou ex-professores,

[...] suas descrições sobre a forma como vivenciaram certas reformas educacionais, bem como as relações estabelecidas na e com a instituição escolar, permitem desarticular a abordagem comumente centrada unicamente nas políticas públicas e nas filosofias pedagógicas (GARNICA, SILVA, FERNANDES, 2010, p. 9).

A constituição dessas fontes de pesquisa será algo de grande importância para o trabalho, mas também servirá de subsídio para outras pesquisas, para que possam constituir outras versões, diferentes da que é proposta neste trabalho, podendo assim, ampliar os estudos da História da Educação Matemática.

5. A aplicação da metodologia

O intuito desse trabalho é constituir uma versão de como era a formação dos professores de Matemática que trabalharam com Ensino de Primeiro e Segundo Grau no atual município de Itaipulândia a partir de 1961 até o final da década de 1980. Existem

algumas maneiras desse trabalho ser feito, como a pesquisa de documentos, registros, livros, mas a escolha para essa pesquisa é a pesquisa com aqueles que estavam envolvidos diretamente com o ensino de Matemática: os professores de Matemática.

Primeiramente, a escolha desse período levanta a seguinte questão: a formação dos professores de Matemática que trabalharam antes da inundação das terras de Itaipulândia é distinta daqueles que começaram a trabalhar após esse evento? O desenvolvimento da região com construção da Hidrelétrica de Itaipu contribuiu para a educação, seja por meio de cursos para os professores, materiais ou em estrutura? Outro fator de interesse é a provável mudança tanto social quanto cultural da região após esse acontecimento que causou tantas mudanças, e que durante os anos finais da década de 1980 foi se readaptando a essa nova forma de viver nesse cenário modificado.

Já para efetuar a pesquisa serão feitas entrevistas e a metodologia a ser aplicada é a História Oral, pois segundo Silva (2005, p. 250) ela “[...] possui um tratamento especial desde o momento de elaboração do roteiro da entrevista por se preocupar com o aspecto individual e sócio histórico do depoente”, pois se entende que o professor de Matemática tem um papel fundamental na História da Educação Matemática. Além de que, a história oral “[...] é um espaço de contato e influência interdisciplinar; sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos históricos-sociais” (LOZANO, apud FERREIRA; AMADO, p. 16, 2002).

Tomando a História Oral como metodologia de pesquisa qualitativa admite-se que é algo que “[...] permite compreender e constituir panoramas históricos tendo não só questões de pesquisa 'propriamente historiográficas' [...] e investigar os regimes de verdade que cada uma das versões registradas cria e faz valer, redimensionando registros e práticas” (GARNICA, 2007, p.30). Assim, o uso dessa metodologia permite, a partir da criação de fontes orais, um estudo sobre as questões de pesquisa, mas que não são verdades sólidas, porém não deixam de ser nítidas.

Entende-se que esse trabalho em história oral, assim como Lozano (apud FERREIRA; AMADO, 2002), não é simplesmente fazer um relato ordenado, contar histórias de vidas, suas experiências, mas sim produzir conhecimentos históricos e científicos.

A história oral possibilita ao pesquisador nortear o conhecimento do passado como algo inacabado segundo Baraldi (2003) e que se transforma e se aperfeiçoa e tem como

principal preocupação

[...] retratar cenários que, baseados nas memórias expressas em testemunhos orais, dizem respeito à formação de professores de uma determinada época e localidade, ao cotidiano docente, à formação de grupos responsáveis pelo alicerçamento de movimentos, dentre tantos outros, com a finalidade de possibilitar a atribuição de significados e a compreensão das tramas constitutivas das práticas atuais (BARALDI, 2003, p. 214).

O roteiro da entrevista tem papel fundamental para que sejam almejados os objetivos da pesquisa. Esse roteiro deve ser sólido, para que haja um controle do depoimento, aliado com o trabalho de outras fontes, para que seja algo que busque a veracidade dos fatos e exclua distorções.

No momento em que é feita a entrevista, várias situações poderão ser levadas à tona, como memórias, documentos escritos e fotografias. A memória pode não ser compreendida com exatidão, mas é carregada de significados que dão sentido a vida, pois segundo Ferreira (2002) no ato de recordar, as memórias estão carregadas de forças sociais do presente, o que faz com que não tenha as imagens do passado conforme aconteceram. Assim, segundo Baraldi (BARALDI, 2006, p.11) “selecionar ou esquecer, divulgar ou silenciar são manipulações conscientes ou inconscientes, decorrentes de fatores diversos que afetam a memória, fazendo com que esta costure os fatos”. Mesmo os momentos que causam dúvidas no entrevistado servirão como base para que possamos aventar possibilidades.

Outro fator que deve ser cuidado em uma entrevista é quanto à neutralidade do entrevistador, conforme Garnica (2007), pois o entrevistador não deve mostrar-se neutro para seu colaborador, ficando em silêncio, demonstrando um afastamento, pois isso implica em uma quebra da interlocução. Para atrair a confiança do colaborador, o pesquisador deve interagir com ele, cativá-lo para tê-lo como interlocutor, deve ouvi-lo, aceitando ou contestando o que lhe for dito.

As fotografias também poderão ser usadas no trabalho, pois numa simples imagem, poderá expressar vários sentidos, que facilitarão para o depoente durante a entrevista lembranças de momentos marcantes de sua vida, pois ela está cheia de significados. Mas

O uso de fotografias num trabalho de pesquisa de História Oral exige um procedimento ético fundamental que é o de solicitar a autorização prévia do depoente. Ele poderá permitir ou não que a imagem seja impressa, projetada ou reproduzida. Tal decisão deverá ser acatada pelo pesquisador, por mais rara e valiosa que seja a foto, mesmo em caso de negativa de seu uso (GAETNER; BARALDI, 2008, p.11).

Assim, a ética se torna fundamental num trabalho em história oral, pois em todos os momentos do trabalho, desde a entrevista, transcrição e textualização deverão ser feitos com propriedade, sempre respeitando a postura do entrevistado.

Durante a entrevista a ética está em respeitar as informações colocadas, não forçando o entrevistado e não contestando a sua veracidade e sim, após a entrevista verificar em documentos escritos esses pontos, o que acrescentará no trabalho. Já na transcrição deverá ser passado para o papel o que foi falado, sem modificação de conteúdo. Na textualização, também deverá ser seguido o que foi dito apesar de nem sempre ter as respostas que eram almejadas. Todos esses passos, assim como o uso de fotografias e documentos dos entrevistados, poderão apenas ser usados no trabalho após a assinatura do entrevistado de uma carta de cessão. Este é um documento que autoriza o uso do material escrito pelo pesquisador, que poderá ser assinado após a leitura do texto pelo entrevistado, que poderá sugerir a retirada de trechos que achar não convenientes ou acrescentar outras informações.

Após esse trabalho, a pesquisa terá seu arremate, o que, em muitos trabalhos do GHOEM, chama-se “identificar evidências”, o que é uma forma de análise, sobre o tema proposto neste exercício de investigação.

6. A análise

A identificação de evidências é um processo fundamental para a constituição de um trabalho com a metodologia da História Oral. Conseguir fazer a interpretação das informações expostas pelo depoente é algo que caracteriza esse tipo de projeto.

Entende-se que um trabalho que usa a História Oral como metodologia de pesquisa qualitativa, a análise dos dados é feita desde os primeiros procedimentos que envolvem a pesquisa. Conforme Baraldi (2006), a partir do momento em que é feita a questão de pesquisa e a seleção dos entrevistados já existem evidências para serem extraídas.

De acordo com Bolivar (2002), em uma entrevista são constituídas narrativas orais que tem como característica apresentar a experiência concreta humana como descrição das intenções em determinados tempos e lugares, na qual os relatos ao os meios privilegiados de conhecimento e investigação. É a partir dessas narrativas orais, nas quais o colaborador gera o conhecimento que “[...] aprofunda e incrementa a compreensão da experiência

humana.” (GARNICA, 2007, p.38) que serão tomados os nossos principais dados.

O objeto principal para a análise de dados serão as entrevistas, mas não com exclusividade. Elas contêm a individualidade do colaborador, descrição de fatos conforme a sua visão, por isso, acredita-se que o uso de outras fontes também é fundamental, pois

Isso obriga o pesquisador a buscar respaldo em outros referenciais teóricos, principalmente os que discutem as relações entre escrita e oralidade, memória e história, tradição oral, bem como sobre os temas surgidos das interlocuções com os depoentes-colaboradores (BARALDI, 2006, p. 9).

Essa prática servirá para complementar as informações passadas pelo entrevistado.

Durante todo o processo de constituição da pesquisa existirão meios para que o pesquisador possa responder às suas questões, mas não somente isso, pois acreditamos que “[...] um depoimento, além de dados, manifesta as cercanias de um discurso que não só reconstitui o que está sendo narrado, mas é, ele próprio, instância de constituição de situações e sujeitos” (GARNICA, 2007, p.34). Mas, isso somente será possível se o pesquisador conseguir envolver o colaborador de forma interativa para que ele possa expor os fatos constituintes de sua memória.

A elaboração de texto contendo essas informações retiradas é algo fundamental, visando dessa forma expor, sob a nossa visão com o foco na realidade passada pelas entrevistas e documentos, interpretar e identificar evidências que mostrem como se deu a formação dos professores de Matemática da região do atual município de Itaipulândia.

7. Referências bibliográficas

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

_____. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

BARALDI, I. M.. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP): uma história em construção**. Unesp-SP, Rio Claro. Tese de Doutorado, 2003, 240p.

_____. Ensaio de macramé: História Oral e Educação Matemática. In: Antonio Vicente Marafioti Garnica. (Org.). **Mosaico, Mapa, Memória: ensaios na interface História Oral-Educação Matemática**. 1 ed. Bauru - SP: Canal 6, 2006, v. 1.

BOLIVAR, A. (2002). “¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de la investigación biográfica-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**,4 (1). Consultado no dia 21 de fevereiro de 2011 em:

<http://redie.uabc.uabc.mx/vol4no1/contenido-bolivar.html>.

FERREIRA, M. de M.. História, tempo presente e história oral. **Revista Topoi**. Rio de Janeiro, p. 314-332, dezembro de 2002.

GAERTNER, R.; BARALDI, I. M. Um Ensaio Sobre História Oral e Educação Matemática: pontuando princípios e procedimentos. In: **Revista Bolema**. Rio Claro: v. nº 30, p. 47-61, 2008.

GARNICA, A. V. M. A História Oral como recurso para a pesquisa em Educação Matemática: um estudo do caso brasileiro. In: **Anais V CIBEM**, Comunicação científica. Porto - Portugal, de 20 a 23 de julho de 2005.

_____ Um ensaio sobre História Oral: considerações teórico-metodológicas e possibilidades de pesquisa em Educação Matemática. In: **Revista Quadrante**, volume XVI, número 2, 2007, p. 27-49.

GARNICA, A. V. M.; ROLKOUSKI, E. ; SILVA, H. da. Dois estudos em História Oral e Educação Matemática: contribuições para pensar a formação de professores de Matemática. In: III Simpósio Internacional de Educação Matemática (SIPEM), 2006, Águas de Lindóia (SP). **ANAIS do III SIPEM**. Águas de Lindóia/Curitiba: SBEM - Sociedade Brasileira de Educação Matemática, 2006.

GARNICA, A. V. M; SILVA, H da; FERNANDES, D. N. História Oral: pensando uma metodologia para a Educação Matemática. In: **Anais do V Congresso Internacional de Ensino da Matemática** (V CIEM). ULBRA, 2010.

LOZANO, J. E. A. Prática e estilos de pesquisa em história oral contemporânea. In: Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 5ed, 2002, p. 15–25.

PORTELLI, A. O massacre de Civitella Val diChiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 5ed, 2002, p. 103 – 130.

SCARPATO, R. BÖHM, I. B. **Itaipulândia: seu povo, sua origem, sua história**. Itaipulândia: Gráfica Assoeste e Editora Ltda, 2006.

SILVA, H. da. História Oral, Memória e Narrativas na análise da constituição de identidades na Educação Matemática. In: **Anais IV Seminário Paulista de História e Educação Matemática**. São Paulo, de 10 a 12 de outubro de 2005.